

O título do livro de Decio Gurfinkel, "A pulsão e seu objeto - droga", tem a felicidade de condensar a obra e a maneira como ela foi concebida. Tratar-se-á de construir o objeto de estudo, a droga dentro do campo psicanalítico. Mas, para isso, será necessário primeiro libertá-la das amarras que a mantêm presa, como objeto, a significados plasmados no senso comum, na linguagem jurídica, médica e religiosa. Isso sem negar estes significados mas problematizando-os radicalmente. Assim, quando emergir o objeto droga no interior da inteligibilidade que o campo psicanalítico lhe proporcionará, ele surge como objeto de pulsão. É por isso que a teoria das pulsões será o eixo articulador da construção do objeto no campo psicanalítico.

Desta forma, a obra é antes de tudo um esforço magistral de como um objeto de estudo que está no limite de vários campos de saber, pela sua dificuldade mesma, a droga e o estado da toxicomania, pode ser construído psicanaliticamente, com um trabalho metapsicológico rigoroso que transita o tempo todo entre a clínica e a teoria. Para além

O fio tênue da viagem

Resenha de Decio Gurfinkel, *A Pulsão e seu Objeto - droga*, São Paulo, Vozes, 1995.

deste objeto, a elaboração criativa e única de seu autor nos ensina sobre pesquisa em psicanálise. Esta elaboração toma os fios do trabalho psíquico, da experiência clínica pessoal e da teoria para tecer pouco a pouco uma trama complexa, de várias dimensões. Tecer pouco a pouco vai na direção de Freud, para quem o pensamento que segue o trabalho psíquico se dirige apenas até a articulação seguinte. O que não é pouco, ainda que isto esteja contemporaneamente esquecido, quando a psicanálise é tomada como visão de mundo e do homem e por isso colocada na berlinda como ultrapassada ou não, viva ou morta. É a psicanálise tomada como droga, no meio das panacéias universais contra a dor, a angústia e a tristeza, julgada face a face com outras drogas. Este debate desmerece a radicalidade da descoberta freudiana, das indomáveis forças pulsionais, da potência subversiva do desejo inconsciente que colocam a psicanálise, nas palavras de seu criador, como esta peste demoníaca trazida pelas potências do inferno, por isso mesmo sempre em tensão, como uma corrente paralela, com as criações universalizantes da civilização: a justiça, a moral, a religião e a ciência. A este debate, o psicanalista deveria dar as costas, com um sorriso condescendente de quem pode mostrar que seu

ofício é continuar a caminhar, clínica e teoricamente, através de um método, uma técnica e uma teoria, por um trabalho árduo, de articulação em articulação. A menos que o motor primeiro se coloque como o mercado de trabalho.

É este convite que o livro de Decio propõe. Seguí-lo pacientemente na desconstrução e reconstrução de seu objeto, de articulação em articulação, suportando os caminhos em aberto, as brechas enigmáticas a que a elaboração chega se é rigorosa com o princípio de que o saber só nasce do não saber. E o saber aqui, na sua melhor acepção, consiste em formular boas questões. Mas ao final, notamos que percorremos intrigados e com interesse cada vez mais apaixonado os temas essenciais do pensamento de Freud e de uma gama enorme de autores pós-freudianos utilizados como alavanca para o pensamento de Decio.

O caminho escolhido pelo autor, ele o expõe em sua apresentação: "explorar passo a passo as diversas configurações que a teoria das pulsões foi tomando e, em cada caso, buscar os subsídios que elas poderiam nos oferecer para compreender o fenômeno dos usos de droga e da toxicomania". Acompanhar as transformações na teoria freudiana das pulsões "em conexão com a problemática das drogas nos ajuda a compreender também o sentido e a necessidade de-

las, uma vez que tais modificações não foram movidas por um capricho especulativo de Freud, mas representam o fruto de um doloroso processo de reformulações sucessivas que os impasses oriundos da prática clínica foram exigindo." "A teoria psicanalítica tem a propriedade inerente de, quando tomada psicanaliticamente como instrumento de trabalho, tornar-se ao mesmo tempo objeto de reflexão; não sai do processo como entrou, ilesa."

Gostaria de tomar as próprias palavras do autor na escolha que fiz de destacar algumas tramas, alguns relevos, do imenso, rico e complexo bordado tecido pelo texto.

O objeto toxicomania vai se constituindo na intersecção de dois elementos principais, a droga e a adicção. "As diferentes formas clínicas da toxicomania" são pensadas "enquanto níveis diversos". Assim, "toxicomania e o uso de drogas podem ser pensados no espaço intermediário entre estrutura adictiva, sintoma e exercício individual do prazer". Mas para chegar aí, é necessário retirar o sentido de crime que lhe atribui o discurso jurídico e de doença que lhe atribui o discurso médico. Em geral o usuário é estudado, observado e categorizado exteriormente, tratado como um corpo estranho social. Como utilizar o referencial psicanalítico sem que ele produza a relação de exterioridade que o saber médico e a sociedade civil em geral tendem a estabelecer com o drogado? O desafio é, pois: como dar conta da diversidade de usos de droga (eventual, so-

cial, em crises de desenvolvimento e uso mais constante) sem negar as enormes diferenças entre elas, "reconhecendo por um lado um uso que é o exercício da liberdade na busca do prazer e, por outro, situações-limite onde o que se perde é justamente a liberdade de escolha?" "O desafio para o psicanalista é o de efetivamente se aproximar da experiência do toxicômano, utilizando os seus instrumentos de observação e de reflexão mas sem deixar que estes últimos impeçam a "ligação direta" implicada na aproximação; se ele não puder fazê-lo, os seus instrumentos nada mais serão do que mais um meio de colocar o toxicômano e as drogas em um tubo de ensaio ou em um manual de "procurase". Esta postura amorosa vai ser a marca fecunda de toda a reflexão ao longo do livro, o que levará a por a questão do prazer como o principal ponto de partida para a abordagem do uso das drogas, diferentemente de outros discursos. "Partir da questão do prazer permite pensar o uso de drogas de uma maneira geral, sem tomá-lo necessariamente como uma patologia. Paradoxalmente, o estudo do prazer e de seu princípio nos proporciona elementos fundamentais para iniciar uma reflexão sobre a compulsão repetitiva própria das adições".

O autor trabalhou alguns anos na Comunidade Terapêutica Maxwell. Desta experiência clínica retira três depoimentos de viciados em tratamento aos quais se refere ao longo de todo o livro, tomando destes discursos aquilo que eles têm de mais potente, as palavras ditas, ainda que num primeiro momento vá utilizá-lo para um desenho fenomenológico do sofrimento do drogadicto. Assim, estes depoimentos ressoarão ao longo de todo o texto, e a sua utilização ao longo das reflexões conceituais conseguirá dissipar um certo horror paralisante e impotente que os relatos produzem num primeiro momento. O trabalho com o depoimento de Andréa, sobretudo, é quase como se fosse uma tentativa de ajudá-la naquilo que não pode: desfascinar-se da droga por uma simbolização em aberto que aponte "um processo de subjetivação que inclua outras formas de prazer, menos mortíferas e auto-destrutivas, que escapem da coisificação dos aspectos humanos e permitam o livre jogo desejante e a vivência de prazer como jogo criativo, tirando a droga deste lugar de exclusividade, objeto de necessidade, numa urgência que coisifica, dessubjetiva, leva à quase morte".

No segundo capítulo ("Uma volta aos princípios: sob o reinado do prazer"), Deicio vai fazer com rigor um percurso pelo trajeto de Freud em relação aos princípios do prazer e da realidade, bem como sua relação com o problema do prazer em todas as suas contradições. Os princípios enquanto postulados condu-

zem-no a pensar os princípios enquanto modos de funcionamento psíquico, tomados como processos primário e secundário e na sua dimensão econômica como energias livre e ligada. Ele chegará à idéia de que se, "do ponto de vista fenomenológico, os modos de funcionamento são mecanismos que se opõem no vértice de suas finalidades e a serviço do que funcionam, podemos pensar em uma continuidade. O processo secundário pode ser compreendido como o próprio compromisso entre o prazer e a sobrevivência - conflito e compromisso também pilares do pensamento freudiano mas um compromisso, em última instância, a serviço do prazer/descarga, cumprindo a exigência do princípio mais geral que rege o psiquismo: pois um hipotético processo primário puro, ao ser incompatível com a sobrevivência do organismo, traria em si a própria destruição da possibilidade de prazer. O que podemos apreender destes dois modos de funcionamento mental é que o seu nexos só pode ser compreendido se o abordamos em conjunto: primário e secundário só podem ser pensados um em função do outro. Processo primário puro não existe, é a abstração de um fluxo sem barreiras ou de uma energia que flui sem suporte material, sem sabermos direito por onde e como. O processo secundário em si não faz sentido no pensamento psicanalítico, pois o seu fundamento não está apenas na

ligação, mas também no fato de estar a serviço de um princípio mais geral, o da descarga e/ou constância do nível energético".

A partir daí, o autor formula a hipótese de que "aquele que busca a droga busca encontrar prazer", como em várias condutas humanas. "A maneira de se obter prazer através da droga é similar àquela própria do processo primário, está de acordo com o princípio do prazer enquanto modo de funcionamento mental oposto ao princípio de realidade". "O prazer se obtém no processo primário através da satisfação alucinatória do desejo, da mesma maneira que ocorre no sonho". "Se, no seu sentido mais radical, um dos efeitos da experiência com drogas é a alucinação propriamente dita - especialmente com as drogas alucinógenas - a satisfação alucinatória se dá, na sua forma mais ampla, com a criação de uma neo-realidade, uma relação com os objetos na qual eles são muito mais restos diurnos em um clima onírico, que bem se esclarece com o termo *viagem*". "O barato da droga talvez expresse um esforço de "economia psi-

quica" na busca do caminho mais curto para o prazer". A "clínica das intensidades", que se refere à experiência do prazer em si, independente dos processos de representação, coloca "o prazer no encontro com a droga na ordem do não-dito, tanto pela ausência de processos representativos quanto pelo silêncio tabu que normalmente cerca este prazer. O profissional que trabalha com a questão da droga deve primeiramente poder reconhecê-lo e escutá-lo". "O afastamento da realidade no caso do toxicômano tem características próprias, já que há uma positividade, um movimento ativo de criação de realidades. Trata-se de uma tentativa de efetuar uma alquimia, uma metamorfose, uma mutação da realidade através da qual ela é ao mesmo tempo rechaçada e recriada, destruída e preservada. A neo-realidade criada apoia-se na materialidade do mundo sensorial, e é daí que tira seu prazer". Faz-se necessário, para que possamos nos aproximar da experiência do toxicômano, que abandonemos uma posição normativa que assimila o termo "realidade" à idéia de adaptação, e que busquemos nele a polissemia que lhe é própria. Se por um lado o prazer está relacionado com uma atividade de descarga e com a anulação da atividade de representação - podemos aqui supor uma negatividade - por outro, ele está ligado a uma atividade imaginativa de criação. Podemos, então, resgatar a sua dimensão de positividade.

O terceiro capítulo ("A pulsão e sua perversão"), ao percorrer a primeira teoria pulsional em Freud, constituirá a droga como objeto da pulsão. Mas pa-

radoxalmente, ao fazê-lo, Decio mostra como na drogadicção é a própria pulsão que se perverte. Inspirado em O campo, mostra que na toxicomania o que está pervertido na pulsão é a própria lei que a fundamenta, a da contingência do objeto. "Se o que caracteriza o objeto é sua subordinação à pulsão conforme lhe sirva na busca de satisfação, na toxicomania é a pulsão que parece se subordinar ao objeto-droga, como se fosse o único capaz de proporcionar satisfação". O autor nos lembra aqui a origem etimológica da palavra *addictu*, do latim: "nos tempos da República Romana, o homem que para pagar uma dívida se convertia em escravo, por não dispor de outro recursos para cumprir o compromisso contraído". "O toxicômano se torna escravo da droga", "a pulsão se torna escrava do objeto". É esta fixação ao objeto-droga que distingue o toxicômano de outros usuários. Mesmo aqui é necessário "não permanecer em uma posição exterior à experiência da droga para avaliar a fixação ao objeto", já que do ponto de vista da realidade psíquica pode haver, "na criação de uma neo-realidade, uma riqueza de investimentos psíquicos similar à do sonho". Mas quando "a droga passa a ser uma questão de sobrevivência", "a pressão se transforma em urgência, a droga se torna uma questão de vida ou morte". Emerge então, uma nova hipótese: "a estranha relação de objeto que se estabelece na toxicomania busca operar uma espécie de metamorfose pulsional, na qual a pulsão sexual

se transformaria buscando assumir o aspecto da pulsão de auto-conservação, subvertendo a sua própria natureza e passando a funcionar segundo as leis desta última. Sem podermos precisar se este projeto de metamorfose pode ser realmente levado a cabo ou até onde ele pode seguir, conservamos a idéia de tendência ou esforço, que, no seu limite, conduziria a uma situação paradoxal".

Nesta proposta de interpretação, podemos compreender o "além do objeto feticista" como a característica própria do objeto droga que transcende o seu efeito de símbolo. Um objeto que se constitui para o sujeito devido a suas propriedades materiais - e através do efeito desta materialidade diretamente no psiquismo encontra o caminho do prazer - e mais do que isto - satisfaz as suas necessidades. Assim, a metamorfose tem o sentido de recolocar o universo do desejo no plano da necessidade. O que está em jogo aqui é uma inversão da própria lógica do apoio; a pulsão sexual que ganha vóo próprio ao se descolar das funções vitais - e este movimento é também constitutivo do psiquismo - realiza o sentido mais profundo da pulsão apontado por Freud, que é o de ser o verdadeiro motor do desenvolvimento psíquico; mas esta mesma pulsão abre mão da sua vitalidade para trilhar o antigo caminho da auto-conservação, em busca do objeto exclusivo de um prazer necessário".

"A busca do prazer imediato e total, que é a exigência do toxicômano, leva-o a uma perversão da própria natureza da vida pulsional, na qual o objeto perde sua característica contingente e fantasmática. Nesta relação exclusiva que almeja o status de necessidade, em oposição ao desejo, acaba por se perder a função mais ampla e profunda da pulsão, que é a de promover o crescimento psíquico e disparar o destino errante do desejo humano, destino que é afinal - ao preço da incompletude sem volta e sem conserto - o responsável por toda a nossa obra cultural".

O capítulo IV ("O eco da pulsão") aborda a multiplicidade de acepções que envolvem o conceito de narcisismo com "a finalidade de continuar a construção de um campo metapsicológico sobre o qual possa se apoiar a clínica da toxicomania". É especialmente nas relações do narcisismo primário com a toxicomania que Decio se detém, abordando tanto os autores que trabalham com uma concepção genética como aqueles que trabalham com uma concepção estrutural.

Dentro da concepção genética, "é um vínculo muito frustrante com a mãe em períodos muito precoces que aparece na história pessoal do

toxicômano". A droga é um objeto substituído coisificado, não-humano, quase morto. A intoxicação é uma tentativa de "recuperar o calor materno perdido pelo efeito farmacológico de certas drogas no organismo, que provoca uma vasodilatação e sensações de calor e rubor com o objetivo de recriar um continente cutâneo que o contenha em momentos de maior dispersão". "Há uma função estruturante da droga para o toxicômano, um último recurso de unir sensações corporais dispersas com uma cola de má qualidade, ou seja, um organizador precário." "Na toxicomania opera-se uma estratégia regressiva a uma posição primitiva, seja ela a reprodução de um estado fetal anobjetal ou um tipo de relação indiferenciada eu/objeto". A droga enquanto objeto narcisista é, para o toxicômano, "este "objeto" que está fora mas logo é posto para dentro, logo se dissolve no organismo e perde toda a sua exterioridade, fundindo-se no si mesmo".

Do lado da definição estrutural do narcisismo, é a questão da falta constitutiva e a problemática da constituição do eu ideal e da idealização do objeto que aparece como substrato teórico. A idealização "é a expressão de uma intolerância narcísica à realidade do eu e do objeto: a realidade deste

objeto que não proporciona a satisfação plena, que frustra assim o eu na sua onipotência e na sua ilusão de não ter faltas, não é tolerada e é substituída por uma imagem idealizada de objeto. A droga é muitas vezes investida desta roupagem de objeto ideal". "Objeto que não é tolerado enquanto objeto" e por isso "se opõe à categoria de real. Afastamento da realidade é sempre também anulação do outro como objeto necessariamente contingente na busca incerta de satisfação. A droga como ideal expressa uma tentativa narcisista de um prazer sem objeto real".

A flexão da voz - eu me drogo - evidencia o caráter narcisista da configuração eu/objeto droga. A toxicomania pode ser considerada como uma tentativa de cura, uma cura talvez do narcisismo ferido, à maneira dos delírios do psicótico. No entanto, a natureza coisificada do aspecto droga, se nos remete por um lado ao fetichismo, por outro nos faz pensar num objeto morto, expressão da identificação narcisista de tipo melancólico. Ao toxicômano, que não suporta a falta, só resta matar o objeto para tê-lo como objeto exclusivo de um prazer necessário. Mas a falta, quando falta, faz falta, e por isso Decio destaca a contribuição de Olvestein, que considera a *falta da falta* o grande drama do toxicômano. A falta da falta é "a falta de um objeto (vivo, real, humano) e de um eu com as mesmas características: a falta de uma vida psíquica".

"O toxicômano, no seu anseio regressivo por uma fusão com o objeto, busca anular a tensão intrínseca à relação objetal, realidade da falta que emerge necessariamente com a constituição de um eu e um objeto diferenciador. A tentativa desta anulação - exigência de um narcisismo tirânico e inflexível acaba por produzir um objeto-eu ideal, sincrético, mas que é também uma coisa morta."

Há um duplo aspecto do narcisismo na constituição e desconstituição psíquica, de vida e de morte. Muitas vezes, o narcisismo pode ser impeditivo do crescimento psíquico do sujeito, mas o autor também destaca que o narcisismo pode também ser negativo para o outro. Neste caso, estão em jogo o desejo e os interesses do outro e seu próprio narcisismo. Vem aqui um corajoso alerta de Decio: o negativo do narcisismo do paciente pode ser um valor imposto pelo analista devido à frustração de seu ideal analítico de cura.

O capítulo V ("O silêncio da pulsão") é onde o método de trabalho do autor vai enfrentar seus maiores desafios. Dadas as enormes controvérsias em torno da nova concepção da pulsão que o conceito

de pulsão de morte traz, Decio continua aqui sem procurar a verdade sobre os conceitos, propondo-se a examinar a diversidade de concepções e aspectos da pulsão de morte, e pesquisar qual é a sua possível fecundidade para um pensamento clínico sobre a toxicomania. De fato, com a introdução da pulsão de morte, o fim do reinado da sexualidade é inegável; o sintoma mais evidente desta mudança é a própria definição de pulsão, que toma como modelo não mais a sexualidade mas o princípio do nirvana. O autor refaz o conceito de pulsão de morte na obra freudiana, rastreando sua metamorfose entre uma primeira concepção, que tem como princípio subjacente a ligação e como referencial básico a compulsão à repetição, até os últimos textos, que mantêm o princípio preponderante da destruição. Trabalha com as duas acepções, operando com suas tensões. Decio escolheu três aspectos principais para a articulação com a toxicomania: o *princípio de ligação*, que ao tratar do aspecto econômico da pulsão de morte revela um elemento de elaboração psíquica também presente neste conceito; o *princípio de Nirvana*, que traz implícita a articulação da segunda teoria pulsional com o narcisismo; e finalmente o referencial da *destrutividade*.

A meu ver, a grande originalidade do autor é a maestria com que sustenta os paradoxos, explorando toda a sua tensão rica e criativa. Um exemplo disto está presente na consideração da relação da droga com o supereu. Uma faceta do paradoxo aponta a função da droga como facilitadora do eu, como "tentativa de cura de um supereu sádico, hipermoral, excessivamente severo, que esmaga o eu com as exigências do ideal", em pessoas que sofrem de "um excesso de realidade", caracterizado como "um estado de angústia constante, uma dificuldade de contato com os afetos e uma inacessibilidade ao mundo interior". Como a exigência interna é amortecida pela droga, o mundo interno, pessoal e íntimo torna-se mais acessível; apesar de ser uma solução que "elimina apenas temporariamente a ação do supereu, que volta na "ressaca" com força total, o fato de que a droga acaba sendo uma saída criativa para um eu esmagado não deve ser obscurecido". Aqui, "um excesso de realidade é paralisante para o desenvolvimento psíquico, já que o eu perde o prazer pelo jogo de viver, proveniente do imaginário e do aspecto positivo do narcisismo (cuja matriz é a auto-estima). O que Decio faz surgir aqui é a importância do espaço intermediário, espaço potencial de criatividade, "ponte necessária entre prazer e realidade, onde o outro é um pouco eu, um "faz de conta" que é mas não é - mas é -, que permite a constituição da relação objetal. Sem este espaço não há fluxo tolerável entre eu e outro: a relação se torna pura

diferença e negatividade; não há compromisso, não há acordo, apenas litígio entre eu e outro, prazer e realidade". A droga "é um meio aqui de conseguir uma espécie de alargamento de tal espaço. Não um afastamento da realidade mas um meio de se aproximar dela; do contrário ela é percebida como uma objetividade mortificante, destituída de um mínimo de subjetivação que é a exigência da própria constituição pulsional humana."

A outra face do paradoxo está no final do livro, quando Decio vai apontar a função protetora do Supereu em casos de toxicomania-limite. Nelles, "a ação da pulsão de morte acaba por provocar uma interferência no circuito pulsional que atinge tanto o funcionamento mental como a própria estrutura (tópica) do aparelho psíquico. O eu, por uma regressão ao narcisismo primário, tende a perder os seus limites com o isso e com o mundo dos objetos, o ideal de eu tende a desaparecer juntamente com o código de valores, os ideais éticos, os objetivos de vida e, conseqüentemente, o próprio sentido da vida. A droga é a única forma de preencher o vazio psíquico provocado pelo desinvestimento, ao proporcionar o encontro com o narcisismo primário pela relação fusional com o objeto atingida aqui apenas pela droga". O sentido dramático da dependência da droga é ela ser o único objeto que pode proporcionar ao toxicômano grave o sentido de existir".

Assim, o que Decio vai procurando ressaltar é que "além do fato do supereu, quando patológico, ter uma função desestruturante devido a sua aliança com a pulsão de morte (um ideal que impõe exigências descabidas, uma consciência moral que vigia, crítica, persegue e castiga), ele tem também uma função protetora fundamental. Ao comentar o medo da morte, Freud nos diz que "viver equivale, para o eu, a ser amado pelo supereu", que aparece aqui também como representante do isso". "Quando esta proteção se perde, o eu se deixa morrer". O supereu tem uma função primordial "de sustento da vida diante do desamparo humano".

E o autor conclui apontando uma revisão necessária da relação entre supereu e pulsão de morte, que leve em conta "a função estruturante do supereu secundariamente revelada pela função paterna e pela interdição no complexo de Édipo, e primariamente pela função protetora que possibilita a vida. Assim, se o projeto civilizatório conduz necessariamente ao mal-estar, a busca de felicidade plena e absoluta do prazer sem limites, do gozo, elimina com ela a organização do supereu, ou seja, a única possibilidade de sobrevivência do homem diante de seu desamparo. Esta situação paradoxal é representada no supereu. É necessário criá-lo para que o eu não sucumba à sua insignificância, desfalecendo".

"Se a ausência do objeto é condição de linguagem, a presença de um outro protetor é condição primordial da vida, e é só com a possi-

bilidade de ter este "outro em si" que se torna possível um desenvolvimento psíquico. Se é necessário perder o objeto para ser um ser humano de linguagem, é necessário ter um mínimo de amor do outro/supereu para poder perder e ser".

"A "saída" do toxicômano grave, supostamente portador de uma fratura narcísica primária, a interferência no núcleo do circuito pulsional e o desmantelamento da organização psíquica do ideal, carga de enurrada o supereu perseguidor e o supereu protetor, e assim elimina a possibilidade de haver amor próprio". "O que resta é um malabarismo sobre o fio tênue que separa e une o êxtase e a morte".

Decio revela-se, através de seu livro, um analista que, com profunda sensibilidade clínica e seu amor pela teoria, tem a coragem de se equilibrar neste fio tênue porque esta é a condição de se estar a favor da vida.

Renata Udler Cromberg é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.